

O mau rico e Lázaro

Albert Schweitzer, o filósofo que recebeu em 1952 o Prêmio Nobel da Paz, em seu livro intitulado "Entre a água e a selva"¹, escreveu o seguinte:

Eu era professor da Universidade de Estrasburgo, organista e escritor; como e por que larguei tudo isso para me tornar médico na África equatorial?

Lera diversos escritos e ouvira testemunhos de missionários revelando a miséria física dos indígenas das selvas.

E quanto mais refletia nisso, menos conseguia compreender como era que nós, europeus, nos preocupávamos tão pouco com a grande tarefa humanitária que nos incumbe nessas regiões longínquas. Parecia-me que a parábola do mau rico e do pobre Lázaro se aplicava bem ao caso. O mau rico seríamos nós. Os progressos da medicina puseram à nossa disposição grande número de conhecimentos e de processos eficazes contra a doença e a dor física; e as vantagens incalculáveis dessa riqueza nos parecem coisa muito natural. O pobre Lázaro é o homem de cor, lá nas colônias. Conhece tanto ou mesmo bem mais do que nós a doença e o sofrimento; todavia, não dispõe de nenhum meio para combatê-los. E nós agimos como o opulento mau, cuja indiferença para com o pobre sentado à sua porta era um pecado, pois o rico não se punha no lugar do seu semelhante, nem deixava que o próprio coração falasse.

Ao ler essas palavras daquele sábio filósofo cristão humanista, ocorreu-me que também nós, os espíritas de hoje, poderíamos lançar mão de uma reflexão semelhante.

Não estamos agindo, também nós, como o mau rico da parábola?²

O Espírito de Verdade colocou ao nosso alcance a ciência da alma, que encerra em seu bojo alto alcance científico-filosófico capaz de tocar a razão mais exigente e o coração mais endurecido.

Vejam nas palavras do próprio Allan Kardec, o que ensina o Espiritismo:

1.º Inicialmente ele dá, como sabem todos, a prova cabal da existência e da imortalidade da alma. É verdade que não é uma descoberta, mas é por falta de provas sobre este ponto que há tantos incrédulos ou indiferentes quanto ao futuro; é provando o que não passava de teoria, que ele triunfa sobre o materialismo e evita as funestas consequências deste sobre a Sociedade. Tendo transformado em certeza a dúvida sobre o futuro, é toda uma revolução nas ideias, cujas consequências são incalculáveis. Se a isto se limitassem os resultados das manifestações, esses resultados seriam imensos.

2.º Pela firme crença que desenvolve, ele exerce uma ação poderosa sobre o moral do homem; leva-o ao bem, consola-o nas aflições, dá-lhe força e coragem nas provações da vida e o desvia do pensamento do suicídio.

3.º Retifica todas as ideias falsas que se tivessem feito do futuro da alma, do céu, do inferno, das penas e das recompensas; destrói radicalmente, pela irresistível lógica dos fatos, os dogmas das penas eternas e dos demônios; numa palavra, desvela-nos a vida futura e no-la mostra racional e conforme à justiça de Deus. É ainda uma coisa de muito valor.

4.º Dá a conhecer o que se passa no momento da morte. Esse fenômeno, até hoje insondável, não mais tem mistérios; as menores particularidades dessa passagem tão temida são hoje conhecidas. Ora, como todo mundo morre, tal conhecimento interessa a todo mundo.

5.º Pela lei da pluralidade das existências, abre um novo campo à Filosofia; o homem

¹ Albert Schweitzer, Entre a água e a selva, 3ª ed. Edições Melhoramento. Trad. de José Geraldo Vieira.

² O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XVI - Não se pode servir a Deus e a Mamón - Parábola do mau rico.

sabe de onde vem, para onde vai, com que objetivo está na Terra. Explica a causa de todas as misérias humanas, de todas as desigualdades sociais; dá as próprias leis da Natureza como base dos princípios de solidariedade universal, de fraternidade, de igualdade e de liberdade, que se assentavam apenas na teoria. Enfim, lança luz sobre as questões mais árduas da Metafísica, da Psicologia e da Moral.

6.º Pela teoria dos fluidos perispirituais, dá a conhecer o mecanismo das sensações e das percepções da alma; explica os fenômenos da dupla vista, da visão à distância, do sonambulismo, do êxtase, dos sonhos, das visões, das aparições, etc.; abre um novo campo à Fisiologia e à Patologia.

7.º Provando as relações existentes entre os mundos corporal e espiritual, mostra neste último uma das forças ativas da Natureza, um poder inteligente, e revela a razão de uma porção de efeitos atribuídos a causas sobrenaturais que alimentaram a maioria das ideias supersticiosas.

8.º Revelando o fato das obsessões, faz conhecer a causa, até aqui desconhecida, de numerosas afecções sobre as quais a Ciência se havia equivocado em detrimento dos doentes, e dá os meios de curá-los.

9.º Dando-nos a conhecer as verdadeiras condições da prece e seu modo de ação; revelando-nos a influência recíproca dos Espíritos encarnados e desencarnados, ensina-nos o poder do homem sobre os Espíritos imperfeitos para moralizá-los e arrancá-los aos sofrimentos inerentes à sua inferioridade.

10.º Dando a conhecer a magnetização espiritual, que era desconhecida, abre ao magnetismo um novo caminho e lhe traz um novo e poderoso elemento de cura.

Reconhecemos assim que, se conhecemos essa Ciência, então possuímos um grande tesouro e somos, portanto, muito ricos. Resta saber se a parábola do mau rico se aplicaria a nós.

Lançando um olhar sincero e atento sobre todos esses pontos enumerados pelo Mestre, perceberemos que o Espiritismo nos capacita não só com elementos racionais suficientes para a nossa transformação moral radical, como também nos dá instrumentos eficazes para o auxílio ao próximo.

Analisando as possibilidades indicadas em cada um dos itens, e verificando se estamos ou não fazendo bom uso desses tesouros, responderemos a nós mesmos se somos bons ou maus ricos, se somos administradores fiéis ou infiéis.

Vejamos agora a quem se aplicaria a parte do pobre Lázaro.

O pobre Lázaro é nosso filho, nossa esposa ou esposo, nossos familiares que fenecem ao lado de tão grande manancial de recursos, porque não lhes mostramos, pelo exemplo, os seus benefícios...

O pobre Lázaro é a mãe que bate em nossa porta com o coração em chagas vivas... ela acaba de enterrar o corpo do filho querido, e pensa ter perdido para sempre o objeto de sua mais cara afeição. Podemos imaginar sofrimento mais cruel?

O pobre Lázaro é o filho desesperançado ante a partida de sua mãezinha, da avó que era seu verdadeiro arrimo, do pai, cujo apoio lhe faz tanta falta... Ele caminha vergado sob o peso da saudade, da solidão, e talvez esteja a um passo do suicídio...

No mundo espiritual também pode haver os pobres Lázaros. São os entes queridos que partiram e imploram aos que ficaram no corpo para que não se desesperem, para que busquem ouvi-los na acústica da alma, mas em vão... buscam um médium que conheça os mecanismos da comunicação entre mortos e vivos e lhes sirvam de intérpretes... mas desfalecem, sem que o rico conhecedor da ciência espírita lhe venha mitigar a sede...

Kardec não nos legou somente uma bela teoria, ele também nos deixou exemplos de como fazer, narrando casos práticos em sua Revista Espírita.

Ele publicou na Revista inúmeros casos de médiuns espíritas que estabeleciam a ponte entre os familiares dos dois planos da vida, pois entendiam que esse era o seu papel. Entendiam também que essas comunicações constituem um ponto forte do aspecto consolador do Espiritismo.

Mas o pobre Lázaro é também aquele infeliz que sofre sob o peso de terrível obsessão, sem ao menos imaginar que os Espíritos podem influenciar os homens, menos ainda que podem subjugar alguém.

As curas promovidas pelos espíritas

Reproduzimos a seguir uma pequena matéria publicada por Kardec, para ilustrar o que acabamos de dizer. Aqueles que desejarem conhecer o passo a passo dessa cura, podem encontrar os artigos subsequentes na própria Revista.³

O Sr. Dombre, presidente da Sociedade Espírita de Marmande, manda-nos o seguinte:

“Com o auxílio dos bons Espíritos, em cinco dias livramos de uma obsessão muito violenta e muito perigosa, uma jovem de treze anos, do poder de um mau Espírito, desde 8 de maio último. Diariamente, às cinco da tarde, sem faltar um só dia, ela tinha crises terríveis, de causar compaixão. Essa menina mora em bairro distante, e os parentes, que consideravam a doença como epilepsia, não falavam mais nisso. Entretanto um dos nossos, que mora na vizinhança, foi disso informado, e uma observação mais atenta dos fatos permitiu-lhe facilmente reconhecer a verdadeira causa. Seguindo o conselho dos nossos guias espirituais, imediatamente nos pusemos à obra. A 11 deste mês, às 8 horas da noite, em nossas reuniões, começamos por evocar o Espírito, moralizá-lo, orar pelo obsessor e pela vítima e a exercitar sobre ela uma magnetização mental. As reuniões eram feitas todas as noites, e na sexta-feira, dia 15, a menina sofreu a última crise. Só lhe resta a fraqueza da convalescença, consequência de tão longos e tão violentos abalos, e que se manifesta pela tristeza, pela languidez e pelas lágrimas, como nos havia sido anunciado. Pelas comunicações dos bons Espíritos, diariamente éramos informados das várias fases da moléstia.

“Essa cura, que noutros tempos uns teriam considerado como um milagre, e outros como um caso de feitiçaria, pelo que, de acordo com a opinião, teríamos sido santificados ou queimados, produziu uma certa sensação na cidade.”

Eis o comentário de Kardec: *Felicitemos os nossos irmãos de Marmande pelo resultado que obtiveram no caso e somos felizes de ver que aproveitaram os conselhos contidos na Revista, por ocasião de casos análogos relatados ultimamente. Assim, eles puderam convencer-se da força da ação coletiva, quando dirigida por uma fé sincera e uma ardente caridade.*

A respeito de uma outra cura de obsessão, também publicada na Revista Espírita, Kardec comenta:

(...) a intervenção dos homens muitas vezes é requerida para a melhora e o alívio dos Espíritos sofredores, sobretudo nos casos de obsessão. Certamente a dos bons Espíritos lhes poderia bastar, mas a caridade dos homens para com seus irmãos da erraticidade é para eles próprios um meio de avanço que Deus lhes reservou.⁴

Aos administradores fiéis, ou bons ricos, Kardec se dirigiu, a respeito da Cura da jovem obsedada de Marmande⁵, nos seguintes termos:

³ Revista Espírita, fevereiro de 1864 - Variedades - Cura de uma obsessão.

⁴ Revista Espírita, janeiro de 1865 - Nova cura de uma jovem obsedada de Marmande.

⁵ Revista Espírita, junho de 1864 - Cura da jovem obsedada de Marmande.

Devemos um justo tributo de elogios aos nossos irmãos de Marmande pelo tato, a prudência e o devotamento esclarecido de que deram prova nessa circunstância. Por este brilhante sucesso, Deus recompensou sua fé, sua perseverança e seu desinteresse moral, pois nisso não buscaram qualquer satisfação do amor-próprio. A coisa não teria sido a mesma se o orgulho tivesse manchado sua boa ação. Deus retira seus dons de quem quer que não os use com humildade. Sob o domínio do orgulho, as mais eminentes faculdades mediúnicas se pervertem, se alteram e se extinguem, porque os bons Espíritos retiram o seu concurso. As decepções, os dissabores, as desgraças efetivas, desde esta vida, muitas vezes são a consequência do desvio da faculdade de seu objetivo providencial. Poderíamos citar vários exemplos tristes, entre os médiuns que suscitavam as mais belas esperanças.

O Sr. Dombre, presidente do grupo espírita de Marmande, evocado por nós no dia 23/04/2012, nos contou o segredo das muitas curas por eles operada:

Éramos um grupo unido pela fé e a vontade de servir, e em nome de Deus os Espíritos faziam luz em nosso caminho.

Diante dos benefícios que recebíamos da bendita claridade trazida pela nova ciência, nos sentíamos no dever de aliviar e esclarecer as almas sofredoras.

Os homens de ciência de hoje relutam em aceitar esse mundo invisível que pulsa, com o qual convivemos - influenciados e somos influenciados -, retardando, dessa forma, a solução de muitos males que atingem a humanidade e são tratados somente como distúrbios psicológicos, depressão ou outras nomenclaturas. No entanto, àqueles que podem compreender os males das diversas formas de obsessão, cabe o dever de socorrer Espíritos e homens que sofrem pela falta do conhecimento e da vivência das leis de Deus.

Assim como naquela época, hoje não faltarão Espíritos voltados ao bem para unirem-se a todos os que, com sinceridade e fé, empreendem esforços para ajudar os sofredores.

Que Deus fortaleça as almas de boa vontade e a boa nova possa espalhar-se envolvendo todos os corações.

Com votos de progresso para o grupo, Dombre.

A ajuda mútua entre Espíritos e homens é a vontade de Deus

O Espírito de verdade disse que a ajuda mútua entre mortos e vivos é a vontade de Deus:

Meu Pai não quer aniquilar a raça humana; quer que, ajudando-vos uns aos outros, mortos e vivos, isto é, mortos segundo a carne, porquanto não existe a morte, vos socorrais mutuamente (...).⁶

Lacordaire também falou da importância dessa interação lúcida entre Espíritos e homens para regeneração do nosso mundo:

Venho, meus irmãos, meus amigos, trazer-vos o meu óbolo, a fim de vos ajudar a avançar, desassombradamente, pela senda do aperfeiçoamento em que entrastes. Nós nos devemos uns aos outros; somente pela união sincera e fraternal entre os Espíritos e os encarnados será possível a regeneração.⁷

Disse ainda o compassivo Espírito de Verdade:

Todos os médiuns são, incontestavelmente, chamados a servir à causa do Espiritismo, na medida de suas faculdades, mas bem poucos há que não se deixem

⁶ O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. VI - O Cristo consolador - Instruções dos Espíritos - Advento do Espírito de Verdade, item 5.

⁷ O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XVI - Não se pode servir a Deus e a Mamón - Instrução dos Espíritos - Desprendimento dos bens terrenos, item 14.

prender nas armadilhas do amor-próprio. É uma pedra de toque, que raramente deixa de produzir efeito. Assim é que, sobre cem médiuns, um, se tanto, encontrareis que, por muito ínfimo que seja, não se tenha julgado, nos primeiros tempos da sua mediunidade, fadado a obter coisas superiores e predestinado a grandes missões. Os que sucumbem a essa vaidosa esperança, e grande é o número deles, se tornam inevitavelmente presas de Espíritos obsessores, que não tardam a subjugar-los, lisonjeando-lhes o orgulho e apanhando-os pelo seu fraco. Quanto mais pretenderem eles elevar-se, tanto mais ridícula lhes será a queda, quando não desastrosa.

As grandes missões só aos homens de escol são confiadas e Deus mesmo os coloca, sem que eles o procurem, no meio e na posição em que possam prestar concurso eficaz. Nunca será demais eu recomende aos médiuns inexperientes que desconfiem do que lhes podem certos Espíritos dizer, com relação ao suposto papel que eles são chamados a desempenhar, porquanto, se o tomarem a sério, só desapontamentos colherão nesse mundo, e, no outro, severo castigo.

Persuadam-se bem de que, na esfera modesta e obscura onde se acham colocados, podem prestar grandes serviços, auxiliando a conversão dos incrédulos, prodigalizando consolação aos aflitos. Se daí deverem sair, serão conduzidos por mão invisível, que lhes preparará os caminhos, e serão postos em evidência, por assim dizer, a seu mau grado.

Lembrem-se sempre destas palavras: "Aquele que se exaltar será humilhado e o que se humilhar será exaltado." O Espírito de Verdade.⁸

Finalizamos com mais algumas considerações de Kardec, extraídas do texto O que ensina o Espiritismo:

Dizem que os espíritas só sabem o alfabeto do Espiritismo. Que seja. Para começar, então, aprendamos a soletrar esse alfabeto, o que não é problema de um dia, porque, mesmo reduzido tão somente a essas proporções, passará muito tempo antes que tenhamos esgotado todas as combinações e recolhido todos os frutos. Não restam mais fatos a explicar? Aliás, os espíritas não têm que ensinar esse alfabeto aos que o ignoram? Já lançaram eles a semente em toda parte onde poderiam fazê-lo? Não resta mais incrédulos a converter, obsedados a curar, consolações a dar, lágrimas a enxugar? Temos razões para dizer que não há mais nada a fazer quando ainda não terminamos a tarefa, quando ainda restam tantas chagas a fechar? Aí estão nobres ocupações que vale a pena conhecer melhor e um pouco mais cedo que os outros.

Saibamos, pois, soletrar o nosso alfabeto antes de querer ler correntemente no grande livro da Natureza. Deus saberá bem no-lo abrir, à medida que avançarmos, mas não depende de nenhum mortal forçar sua vontade, antecipando o tempo para cada coisa. Se a árvore da Ciência é muito alta para que possamos atingi-la, esperemos para voar sobre ela que as nossas asas estejam crescidas e solidamente pregadas, para não termos a sorte de Ícaro.⁹

⁸ O Livro dos Médiuns - Segunda parte - Das manifestações espíritas, cap. XXXI - Dissertações espíritas - Sobre os médiuns, XV.

⁹ Revista Espírita, agosto de 1865 - O que ensina o Espiritismo.